



**DÚVIDA E PERCURSO TRANSGRESSIVO:
UMA ANÁLISE DE CENA DO LONGA-METRAGEM *DOUBT***

**DOUBT AND THE TRANSGRESSIVE PATH:
ANALYSIS OF A SCENE FROM THE MOVIE *DOUBT***

Eliane Domaneschi Pereira¹
USP – Universidade de São Paulo

RESUMO: Dentro do domínio teórico da Semiótica da Escola de Paris, a dúvida é definida como uma categoria modal diretamente relacionada às modalidades epistêmicas e às atividades cognitivas empreendidas pelo sujeito para saber ou conhecer algo sobre o seu mundo. Mais especificamente, Fontanille, em “Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’”, artigo de 1982, ao delimitar dois universos de racionalidade, um referente ao crer e o outro, ao saber, aponta a dúvida como uma operação cognitiva própria do universo do crer, visto que a operação equivalente no universo do saber seria a contestação. Ainda segundo o autor, esses dois universos pressupõem juntos um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber, e que passa de um sistema a outro por meio de um percurso transgressivo. Desse modo, o presente artigo vale-se, de maneira central, das noções semióticas de dúvida e percurso transgressivo para analisar uma cena de quatro minutos do longa-metragem *Doubt*, de John Patrick Shanley. A cena é constituída pelo sermão do personagem padre Flynn, interpretado por Phillip Seymour Hoffman, que tematiza a dúvida dentro da prática e da ética religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Dúvida; Percurso Transgressivo; Modalidades Epistêmicas; Crer; Saber; Fé.

ABSTRACT: According to Paris School Semiotics: Theory, doubt is defined as a modal category directly related to the epistemic modalities and the cognitive activities performed by the subject in order that he knows or understands something about his world. Moreover, Fontanille, in “Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’” (1982), delimits two universes of rationality, one concerning believing and the other knowing, and points out that doubt is a cognitive operation that belongs to the universe of believing, whereas the equivalent operation in the universe of knowing is contestation. The author also states that these two universes presuppose just one cognitive subject, who is alternately susceptible to believing and knowing, and switches from one system to the other through a path of transgression. Therefore, using the semiotic notions of doubt and that of a path of transgression, this paper analyzes a four minute scene from the movie *Doubt*, by John Patrick Shanley, starred by Phillip Seymour Hoffman. The scene is constituted by father Flynn’s lecture, whose theme is doubt in religious practice and ethics.

KEYWORDS: Doubt; Path of Transgression; Epistemic Modalities; Believing; Knowing; Faith.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP.

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

É só a dúvida que nos une e nos aproxima. É só disso que precisamos. Não acredito que haja nada verdadeiro. Tenho muito medo da verdade. Tive um professor de filosofia, o padre Henrique Vaz, a quem perguntei: “O que é a fé?”. Ele me respondeu que a fé é a dúvida, porque somente ela nos é possível.

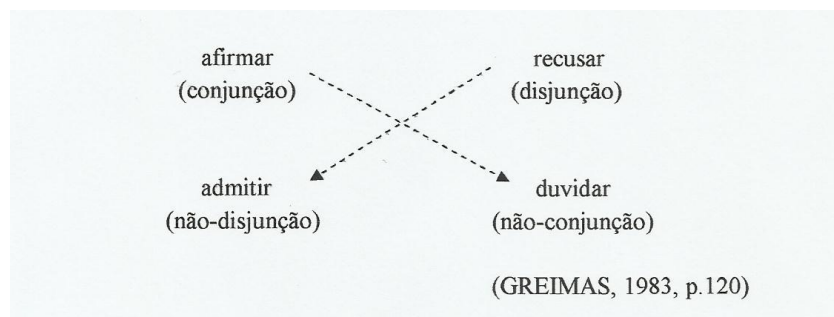
Bartolomeu Campos de Queirós

I. Introdução

O artigo ora apresentado insere-se em um campo de pesquisa notadamente amplo: o universo do crer e do saber dentro domínio teórico da semiótica da Escola de Paris. A questão da definição, descrição, distinção e funcionamento, entre outros aspectos, do crer e do saber (em si e em relação) configura um tema extensamente discutido em filosofia e também já amplamente debatido em outras áreas da linguística que não a semiótica, como a pragmática. Encontramo-nos, aqui, no campo de reflexão epistemológica sobre os milenares problemas filosóficos da ‘verdade’ e da ‘crença’. Visto que, no cerne de qualquer situação intersubjetiva de comunicação humana, temos o exercício persuasivo de um fazer-crer que conta com, no outro extremo da cadeia comunicativa, o próprio ato de crer, um ato essencialmente epistêmico, os esforços teóricos empreendidos pela semiótica acerca das modalidades crer e saber vêm ao auxílio de tal reflexão.

Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que é a visada semiótica sobre esse objeto de investigação científica multidisciplinar que norteia a nossa análise e nos mune de instrumentos, reflexões e modelos teóricos para a abordagem das modalidades crer e saber e das categorias modais aí aderidas, a dúvida e a certeza. Concebidos pela semiótica como duas modalidades que se articulam dentro de “um único e mesmo universo cognitivo” (GREIMAS, 1983, p.133) e que, de acordo com Fontanille (2007, p. 227), encontram tênue distinção dada pelo “modo de relacionamento e de valorização do objeto cognitivo”, o crer e o saber, enquanto tópico teórico dentro do campo de conhecimento da semiótica da Escola de Paris, encontram em “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif”, capítulo de *Du Sens II* (1983), seu texto paradigmático.

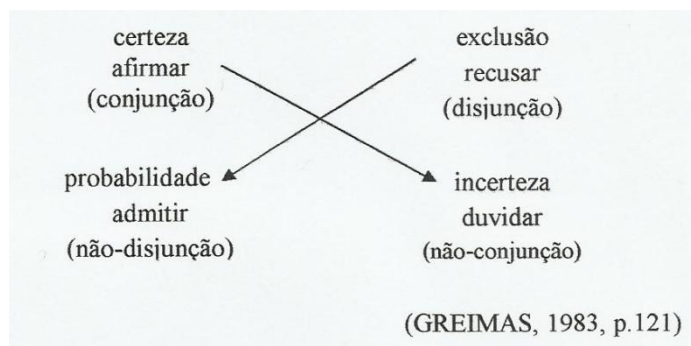
Para Greimas, o “ato epistêmico” (de saber algo ou conhecer algo) é entendido como uma transformação cognitiva ou processo, como uma operação conjunta, onde “o crer por vezes repousa, e até mesmo se consolida, sobre a negação de um saber” (1983, p.116). O autor afirma também que “o ato epistêmico pode assim ser representado em sua dupla face como uma afirmação ou uma recusa, o que nos autoriza, por sua vez, colocá-lo no quadrado” (1983, p.119):



Ainda de acordo com Greimas, o ato epistêmico produz uma “transformação modal que tem como efeito ‘colorir’ modalmente o enunciado submetido a julgamento”

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

(1983, p.121), e, por consequência, podemos adicionar uma nova série de denominações aos termos do quadrado epistêmico apresentado acima. Assim, além das modalidades e operações juntivas, é possível homologar as modalizações (ou categorias modais, aí subsumidas certeza e incerteza/dúvida) à estrutura anterior e obter o seguinte quadrado:



A perspectiva eminentemente categorial das modalidades na abordagem de Greimas, que descreve o ato epistêmico por meio de termos alocados nas categorias previstas no quadrado semiótico e operações juntivas, passa posteriormente por certa reformulação teórica, notadamente a feita por Zilberberg em *Razão e Poética do Sentido*, de 1988. Essa mudança da abordagem do crer e do saber, que se transforma de categorial para gradual e tensiva, é reflexo de uma reestruturação mais geral sofrida no decorrer da década de 1980 pela teoria semiótica. Sabe-se que, em sua origem, a semiótica de Greimas priorizava o ‘inteligível’ com o objetivo de verificar como ocorria a construção de sentido nos textos e operacionalizar o modelo do percurso gerativo. Com o avanço da teoria, surgiu a necessidade de dar conta também dos conteúdos passionais aderidos ao discurso, ou seja, o investimento afetivo do sujeito em sua relação aos objetos ou a outros sujeitos, dimensão tímica indissociável de qualquer tipo de produção discursiva, privilegiados pelo modelo zilberbergiano.

Tal transformação não se encontra em primeiro plano na reflexão e análise aqui pretendidas. O que nos parece relevante ao retomarmos as esquematizações teóricas do ato epistêmico sugeridas por Greimas é o fato de que, de acordo com elas, a categoria modal da dúvida pode incidir sobre um saber. Uma vez que é defendido como possível que o “saber precede o crer” (GREIMAS, 1983, p.117), para que tal lógica de precedência seja cumprida, é preciso que se duvide de um saber para que ele seja, então, recusado, e uma certeza (crer-ser) se instaure. É especificamente esse aspecto da teoria que recebe tratamento diverso, e caro à nossa análise, no artigo de Fontanille *Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’*, de 1982. Nele, Fontanille volta-se a quatro *Diálogos* de Platão em busca de “um ou mais modelos de adequação cognitiva” (FONTANILLE, 1982, p.6). A hipótese defendida pelo autor, comentada mais detidamente a seguir, é de que o saber se constrói em torno de um /poder ser/, sendo dominado, dessa maneira, por modalidades atualizantes. Por outro lado, o crer é construído em torno de um /dever ser/ e é, portanto, dominado por modalidades virtualizantes. Na abordagem proposta por Fontanille, a dúvida é uma operação cognitiva fiduciária incidente sobre um crer, pois seu equivalente no sistema do saber é a operação cognitiva científica da contestação.

O que nos interessa, sobretudo, é o fato de que Fontanille delimita dois universos de racionalidade (ou sistemas modais), um concernente ao saber e outro ao crer, que estão em relação e se encontram no mesmo nível do percurso gerativo de sentido. Independentes no plano axiológico, os sistemas do saber e do crer são complementares,

porque “pressupõem juntos um mesmo objeto e um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber” (FONTANILLE, 1982, p.24). A passagem de um sistema a outro se dá por um **percurso transgressivo**, noção teórica construída, desenvolvida e demonstrada por Fontanille em seu artigo de 1982 e que tomamos como ferramenta teórica para a análise semiótica da operação cognitiva fiduciária da dúvida em uma cena do filme *Doubt* (2008), de John Patrick Shanley², que consiste no sermão de padre Flynn sobre a dúvida.

II. Pressupostos teóricos

1. O ponto de vista de Fontanille

Fontanille abre o artigo *Un point de vue sur 'croire' et 'savoir'* (1982) realizando uma importante distinção. Ela dá conta do fato de que, se, para a lógica, “a avaliação do saber e do crer é limitada à sua relação com a verdade, ou seja, a um sistema de dois valores não hierarquizável”, para a semiótica essa avaliação só pode se fundar em “relações de adequação, internas ao enunciado” (FONTANILLE, 1982, p.5). Se admitirmos que o ato de conhecer o mundo (“ato epistêmico”, como denominado por Greimas) é um fazer avaliativo de um sujeito interpretativo que se aplica a determinado enunciado de estado, podemos, segundo Fontanille, definir a **adequação cognitiva** como “o conjunto de sobremodalizações aplicadas a este enunciado, e que constituem a prova qualificante do sujeito interpretativo” (FONTANILLE, 1982, p.5). Fica assim instaurado o que busca o artigo de Fontanille: identificar e descrever um ou mais **modelos de adequação cognitiva**. Para tanto, o autor se volta a quatro *Diálogos* de Platão (*Protágoras*, *Eutidemo*, *Górgias* e *Mênon*), visando abandonar progressivamente a superfície dos textos a fim de isolar operações discursivas subjacentes à transmissão de conhecimentos.

A primeira das relações intersubjetivas analisada é a fundada no crer e na confiança (relação entre S1 mestre e S2 discípulo, por exemplo). Fontanille a aborda a partir de três operações que formam um sintagma intersubjetivo: a operação entre S1 e S2, um fazer persuasivo (onde S1 afirma que sabe, S1 triunfa sobre os demais, S1 crê estar entre aqueles para os quais pode se mostrar superior, S1 não discute à maneira dos outros, mas à sua maneira, etc.); a operação entre S2 e O (o saber), um fazer epistêmico (onde Fontanille destaca a existência de uma ladainha de adesão, identificada em expressões pelas quais o interlocutor S2 participa da sua própria manipulação. Elas podem decorrer somente do exame do O cognitivo proposto, como “me parece que”, “é assim”, “exato”, ou dependerem de maneira determinante do domínio do mestre, como “estou de acordo”, “você tem razão”, “sem dúvida”, “forçosamente”); e finalmente a operação entre S2 e S1, um fazer fiduciário em que S2 faz um julgamento favorável de S1, S2 é seduzido pela maneira de S1 falar, S2 supõe que S1 tem experiência suficiente, etc. Nessa relação intersubjetiva, S2 reconhece a competência e superioridade de S1 e aceita não só o contrato explícito, mas também os implícitos.

O aspecto que nos é relevante aqui é o fato de que, nesse tipo de cena enunciativa, “o interlocutor não tem tempo de avaliar ele mesmo o objeto proposto. O orador

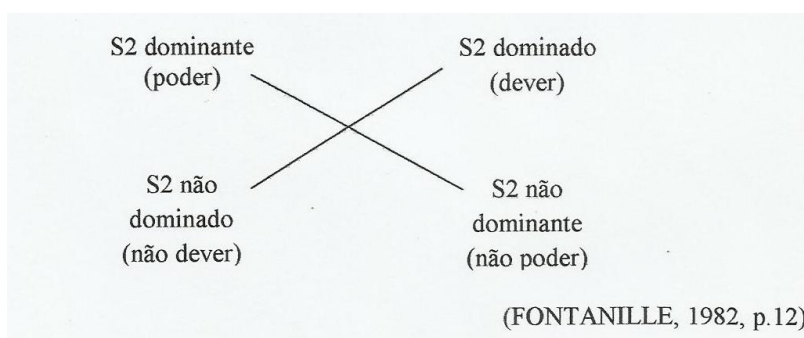
² O longa-metragem *Doubt* (2008) recebeu o título *Dúvida* em português e se baseia na peça *Doubt: A Parable* (Dúvida: Uma Parábola), de 2004, escrita por John Patrick Shanley. A peça, originalmente montada em novembro de 2004 no circuito off-Broadway no Manhattan Theatre Club, foi vencedora do *Pulitzer Prize for Drama* de 2005.

usa seu poder de persuasão para introduzir, do exterior, um conhecimento inverificável e, portanto, admitido sem exame” (FONTANILLE, 1982, p.10). De forma análoga, o mesmo ocorre nos tribunais, onde, como Sócrates defende: “o orador não está preparado para instruir os tribunais e os outros na assembleia sobre o justo e o injusto, ele pode apenas dar a eles crenças” (FONTANILLE, 1982, p.10). A essa altura do texto, é sublinhado que os textos de Platão também mostram que o universo do saber é aquele em que o indivíduo se aventura e assume o risco da hostilidade e do ostracismo: “A ligação das disciplinas à pessoa moral e física do mestre no universo do crer, que se traduz por uma identificação, se opõe à ligação às ideias, defendida por Sócrates” (FONTANILLE, 1982, p.10). A partir de tal análise empírica e indutiva dos textos de Platão, aos quais se encontra aderido o pensamento socrático, Fontanille nos apresenta a esquematização dos universos axiológicos do crer e do saber, que descrevem “dois universos de racionalidade”:

	Crer	Saber
Conteúdos cognitivos	crenças (“conhecimento falso”)	ciências (“conhecimento verdadeiro”)
Estratégia cognitiva	persuasão	convicção
Origem do conhecimento	S1 (exterioridade) por manipulação	S2 (interioridade) por reminiscência
Relação ao objeto	imediate não aspectualizada	mediata, aspectualizada, com resistência do objeto
Relação dominante no sintagma intersubjetivo	S2 – S1 (ligação às pessoas)	S2 – O (ligação às ideias)
Figuras dominantes	consenso, acordo, identidade	desacordo, discussão, alteridade

(FONTANILLE, 1982, p.11)

Mais adiante, Fontanille postula que “todas as diferenças entre os dois universos de conhecimento parecem depender em profundidade da relação do sujeito em respeito ao conhecimento, uma relação de dominação reversível” (FONTANILLE, 1982, p.12):



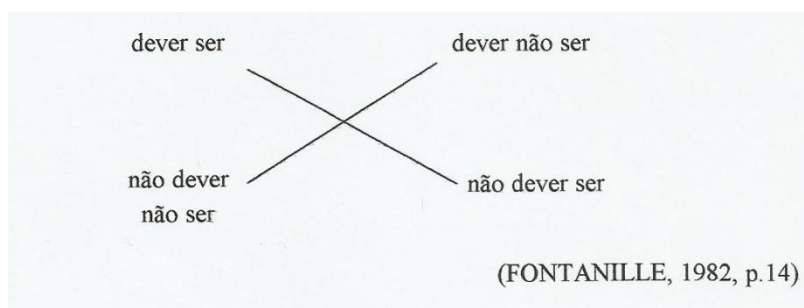
Essa é a axiologia relacional sobre a qual se funda a oposição entre os dois universos cognitivos. Temos, assim, que a “modalização própria aos objetos da crença é o dever-ser, porque ela remete à dominação de um outro sujeito (S1), e que a modalização própria aos objetos do saber é o poder-ser, porque ela remete estritamente ao desejo de domínio cognitivo do sujeito S2 sobre o objeto” (FONTANILLE, 1982, p.12). Dessa forma,

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

Fontanille também aponta que a oposição entre crer e saber é o equivalente cognitivo da oposição geral entre manipulação e ação. Sendo assim, quando os objetos circulam no universo do saber, eles percorrem o seguinte sistema:

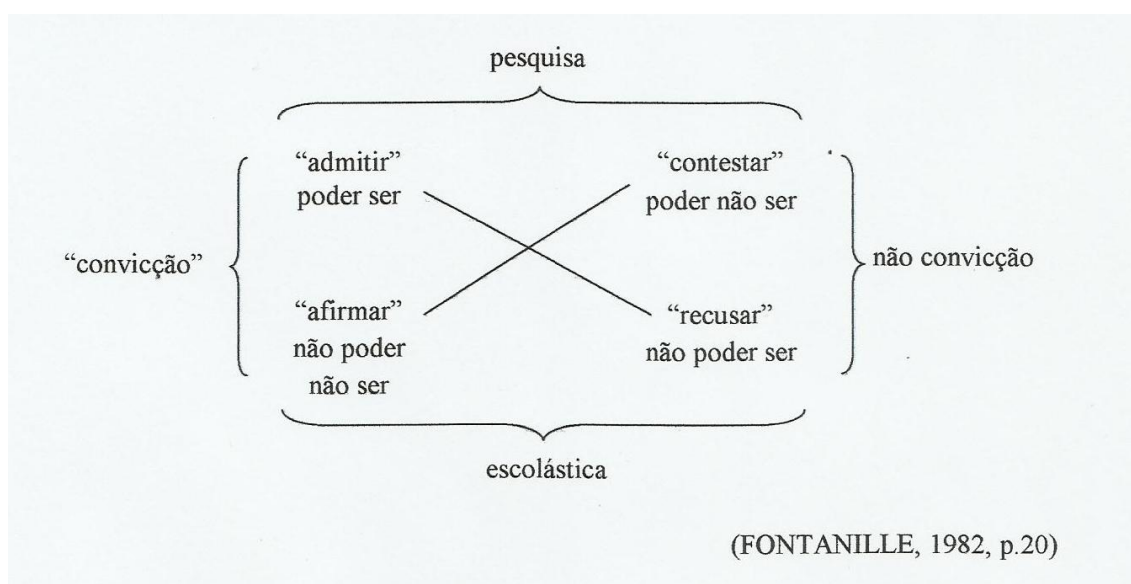


E, quando circulam no universo do crer, percorrem o sistema seguinte:

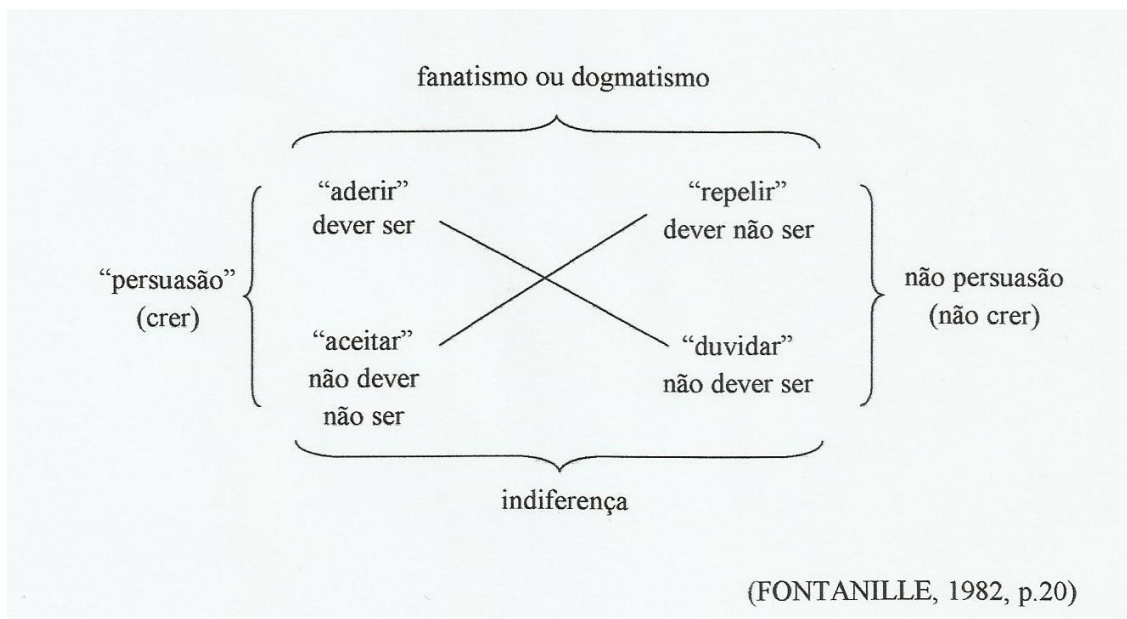


Em decorrência, as operações de adequação cognitiva são as seguintes:

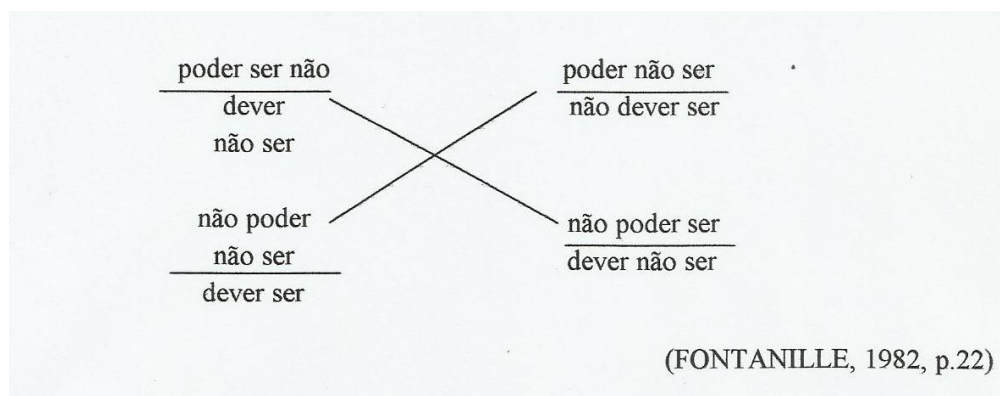
a) Operações “científicas” (dominadas pelo saber e denominadas “convicção” por Sócrates):



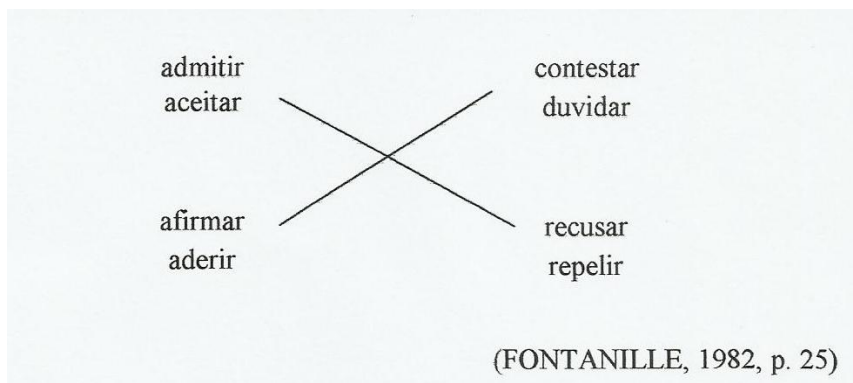
b) Operações “fiduciárias” (dominadas pelo crer e denominadas “persuasão” por Sócrates):



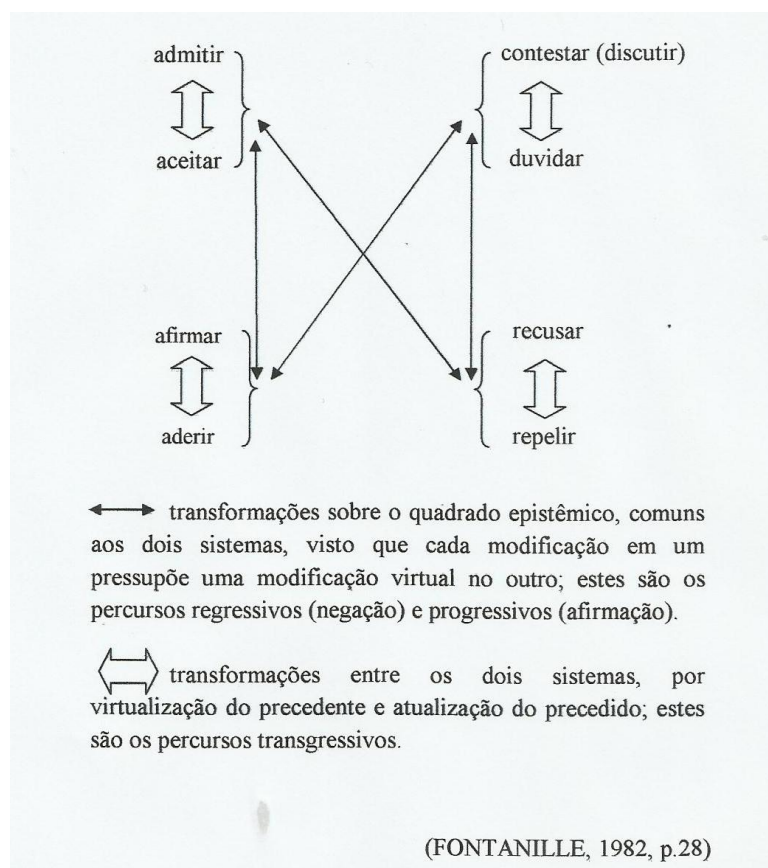
A partir disso, o procedimento teórico que enseja a noção semiótica de **percurso transgressivo** é a homologação dos quadrados das modalidades aléticas /dever-ser/ e /poder-ser/. A homologação é dirigida pelo fato de que, como já descrito por Greimas e Courtés em seu *Dicionário de Semiótica* (2008), os termos /não poder não ser/ e /dever ser/ “mesmo repousando apenas em uma intuição semântica”, se encontram em “relação de complementaridade” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.373). Assim, “a necessidade, por exemplo, seria um não poder não ser que pressupõe um dever-ser” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.373). Devido a essa especificidade inerente às modalidades aléticas, os quadrados são homologados de maneira invertida. Para Fontanille, “essa solução evidencia singularmente a ligação paradoxal que une os dois sistemas” (do saber e do crer) (FONTANILLE, 1982, p.22). O resultado é o seguinte:



A partir da homologação das modalizações, temos em consequência a homologação das operações cognitivas:



As duas formulações homologadas apresentadas acima são “contraditórias, porque independentes no plano axiológico, mas complementares, porque pressupõem juntas um mesmo sujeito cognitivo, suscetível alternadamente ao crer e ao saber” (FONTANILLE, 1982, p.24). É essa mobilidade do sujeito entre os dois sistemas modais no exercício de sua adequação cognitiva que o **percurso transgressivo** capta e representa teórico e graficamente. A adequação é uma operação cognitiva dinâmica, em que “crenças’ e ‘saberes’ se virtualizam uns aos outros. Quando as operações de adequação são atualizadas em um sistema, elas são virtualizadas no outro” (FONTANILLE, 1982, p.27). A representação gráfica para a dinâmica das operações cognitivas e circulação do sujeito entre os dois universos de racionalidade, o saber e o crer, é a seguinte:



Assim, a “transgressão” não se situa na dimensão das modalidades em termos de negações ou afirmações como postulado por Greimas em “o crer por vezes repousa, e até

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>

mesmo se consolida, sobre a negação de um saber” (1983 : 116). A suspensão (virtualização) de um saber para que um crer se instaure (se atualize) ocorre, mas no nível das operações cognitivas como definidas por Fontanille. Da dúvida, por exemplo, o sujeito pode ir à contestação (em percurso transgressivo) e, então, à refutação (em percurso progressivo), saindo do universo do crer em direção a um saber. Esse é exatamente o percurso transgressivo inscrito em nosso objeto de análise, a cena do sermão do padre Flynn.

2. Quanto mais crer mais tensão?

Outro aspecto teórico que se deseja observar no objeto de análise se refere à hipótese defendida por Lopes e Bevidas (2009, p. 447): “O crer tensiona e o saber distensiona. Mais e mais crer, maior tensão; mais e mais saber, maior distensão, estando nas valências intermediárias e “elásticas” desses vetores a nossa situação geral de homens sem garantia de verdade”. Em uma prática mundana, ou não-religiosa, a hipótese mostra-se verdadeira, como podemos observar no mesmo artigo de 2009 de Lopes e Bevidas, por ocasião da análise do conto *Famigerado*, de João Guimarães Rosa. Porém, é preciso levar em consideração e trabalhar também com a contra-hipótese, segundo a qual o crer distensiona e o saber tensiona. Em uma prática e ética religiosas, essa lógica parece ser pertinente: no interior da prática religiosa, fundada pelo discurso religioso, a máxima crença aparentemente propicia a máxima distensão. Considerando a natureza de nosso corpus, entendemos como propícia a averiguação da hipótese defendida por Lopes e Bevidas e de sua contraparte.

III. Análise

1. Prática e ética religiosas: a retenção do percurso transgressivo

“O que você faz quando não tem certeza?”, é com essa pergunta que padre Flynn inicia seu sermão em uma igreja católica no ano de 1964. Na cena enunciativa de um sermão, temos de antemão estabelecidos os actantes S1 (padre Flynn), S2 (audiência) e o objeto cognitivo (conteúdo do sermão/conhecimento). A pergunta do padre, que pressupõe a possibilidade de dúvida (ausência de certeza) junto à comunidade católica, inquieta a irmã Aloysius que, mais tarde, reunida com as demais irmãs para a ceia, questiona:

Por quê (por que o tema do sermão havia sido a dúvida)? Bem, sermões vêm de algum lugar, não é? O padre Flynn está em dúvida? Ele está preocupado que alguma outra pessoa esteja em dúvida? (...) Eu quero que todas vocês fiquem alertas. Eu estou preocupada, talvez desnecessariamente, com os sermões na Escola São Nicolas. (Doubt, 2008, cena a partir do minuto 16’35’)

A preocupação da irmã se justifica na medida em que o discurso religioso, que instaura uma prática³ e uma ética religiosas, se organiza em torno da lógica da Palavra Revelada, a palavra fundadora contida na bíblia, responsável pela cena enunciativa fundante

³ A noção de prática é empregada aqui no sentido definido por Fontanille em seu artigo *Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation* (FONTANILLE, 2006, p. 5): “As práticas recebem uma ‘forma’ (constituintes) de sua confrontação com outras práticas e, por isso, de um lado, integram os elementos materiais dos níveis inferiores (signos, textos objetos) para torná-los elementos distintivos e pertinentes e lhes dar ‘sentido’ e, de outro lado, recebem ‘sentido’ de sua própria participação nos níveis superiores (estratégias e formas de vida)”.

da Igreja Católica. Encontramo-nos aqui em uma esfera onde não há espaço para qualquer opacidade (nem mesmo a opacidade própria da linguagem, visto que a palavra é **revelada**), onde o sujeito se afasta das contradições e se coloca sob a certeza da fé inquestionável. Em relação ao discurso fundador e aos discursos que dele derivam, como se podem caracterizar os discursos de divulgação religiosa, e também o sermão em análise, Ramos-Silva (2007, p.26) afirma que “são entendidos como cenas enunciativas complementares”. Em tal contexto, forçosamente, não há espaço para a admissão ou enunciação da dúvida. E padre Flynn não só a enuncia, como faz dela o tema de sua fala.

Porém, retomando as elaborações teóricas providas por Fontanille (1982), não podemos esquecer que **duvidar** configura uma operação cognitiva fiduciária própria do universo do crer. Sua operação cognitiva equivalente no sistema modal do saber é a **contestação**, figura não encontrada no texto em análise. De fato, a ligação entre **dúvida** e **crença** é flagrante já na definição dicionarizada daquele termo:

Dúvida: s.f. (1266 cf. IVPM) 1. Ação, estado ou efeito de duvidar, de sentir desconfiança 2. Incerteza entre confirmar ou negar um julgamento ou a realidade de um fato 3. Hesitação entre opiniões diversas ou várias possibilidades de ação 4. **Falta de crença** (HOAUISS, 2008, p.1091, grifo meu)

Ao continuar seu sermão, padre Flynn menciona um acontecimento público, a morte do presidente Kennedy em 1963 (que ocorrera um ano antes), e nos fornece mais evidências de que seu discurso, apesar de tematizar e figurativizar a dúvida, elemento inadmitido pela prática religiosa católica, se ancora e promove uma racionalidade regida pelo crer. Sobre o episódio, ele diz:

No ano passado, quando o presidente Kennedy foi assassinado, quem entre nós não teve a experiência da mais profunda desorientação? Desespero? Qual caminho seguir? E agora? O que digo aos meus filhos? O que digo para mim mesmo? Houve um tempo em que as pessoas ficavam sentadas juntas, unidas por um sentimento comum de desesperança. Mas pense nisso: seu vínculo com o seu companheiro foi o seu desespero. Foi uma experiência pública. Foi horrível, mas nós estávamos juntos nisso. O quanto pior seria, então, para o homem solitário, a mulher solitária, serem atingidos por uma calamidade privada? (Doubt, 2008, cena a partir do minuto 4’45’)

Isso nos remete à distinção feita por Sócrates e retomada por Fontanille de que “o universo do saber é aquele em que o indivíduo se aventura e assume o risco da hostilidade e do ostracismo. A ligação das disciplinas à pessoa moral e física do mestre no universo do crer, que se traduz por uma identificação, se opõe à ligação às ideias, defendida por Sócrates” (FONTANILLE, 1982: 10). A oposição entre público (dimensão da identificação) e privado (dimensão da hostilidade e do ostracismo), como encontrada no artigo de Fontanille, mantém-se no sermão de Flynn. A relação dominante no sintagma intersubjetivo eufórica no discurso é aquela própria do universo do crer: S1 – S2 (ligação entre pessoas); enquanto a relação disfórica é aquela característica do universo do saber: S2 - O (ligação às ideias), como podemos observar em:

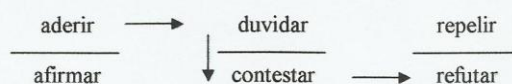
	Crer	Saber
Relação dominante no sintagma intersubjetivo	S2 – S1 (ligação às pessoas)	S2 – O (ligação às ideias)

(FONTANILLE, 1982 : 11)

Em seguida, padre Flynn conta uma pequena parábola sobre um marinheiro, narrativa que figurativiza o tema crise de fé, e conclui seu sermão dizendo:

Alguns de vocês na igreja hoje conhecem exatamente a crise de fé que eu descrevo. E eu quero dizer a vocês: **a dúvida pode ser um vínculo tão poderoso e sustentador quanto a certeza**. Quando vocês estiverem perdidos, vocês não estão sozinhos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. (Doubt, 2008, cena a partir do minuto 7'50'', grifo meu)

Se, em um primeiro momento, o discurso de Flynn parece se distanciar de uma prática e uma ética religiosas católicas (ancoradas na certeza inquestionável provinda da Palavra Revelada) por encampar a categoria modal da dúvida e fazer o elogio desta, respaldados por nosso arcabouço teórico podemos observar que o efeito de sentido de seu sermão é o de manipular S2 (audiência) a agarrar-se à dúvida e nela permanecer. De acordo com as formulações teóricas de Fontanille (1982), podemos afirmar que S1 manipula S2 a permanecer na operação cognitiva fiduciária da dúvida e manter seu sistema modal do crer atualizado, impedindo-o de realizar o percurso transgressivo, que o levaria da dúvida à contestação (virtualização do crer e atualização do saber) e, desta, à refutação, como podemos observar em:



(FONTANILLE, 1982 : 26)

Dessa forma, o sermão de padre Flynn mostra-se não convencional por negar os valores de absoluto propalados pela fé católica, mas, ou mesmo tempo, busca reter o sujeito no limiar do sistema modal do crer, objetivando, talvez, que o percurso regressivo seja realizado e o sujeito retorne à adesão. A admissão da possibilidade de o sujeito se deslocar da adesão à dúvida, figurativizada na parábola que tematiza a crise de fé, revela que padre Flynn faculta ao sujeito alguma dinamicidade em sua operação de adequação cognitiva, algo não previsto na prática católica convencional. De fato, o dinâmico associado ao seu personagem opõe-se ao estático aderido ao papel da irmã Aloysius, sua antagonista ao longo de toda a ação. Tal oposição é explorada semi-simbolicamente pela homologação da ruptura com o convencional e elogio da dúvida (dinamicidade) no plano do conteúdo com o enquadramento diagonal em close ou em plano americano no plano da expressão, como observamos nas figuras A e B a seguir:



Figura A - (*Doubt*, 2008)



Figura B - (*Doubt*, 2008)

É importante observar que o enquadramento diagonal em close ou em plano americano ocorre na direção do olhar do padre Flynn para a sua audiência. Em oposição, o enquadramento ortogonal e em plano afastado se homologa ao estático no plano do conteúdo, que defendemos estar associado à irmã Aloysius. De fato, os enquadramentos ortogonais correspondem à visão que Aloysius tem da cena do sermão, visto que se aproxima lentamente do altar a partir da porta frontal da igreja. Podemos observar nas figuras C e D exemplos de enquadramentos ortogonais em plano afastado:



Figura C - (*Doubt*, 2008)



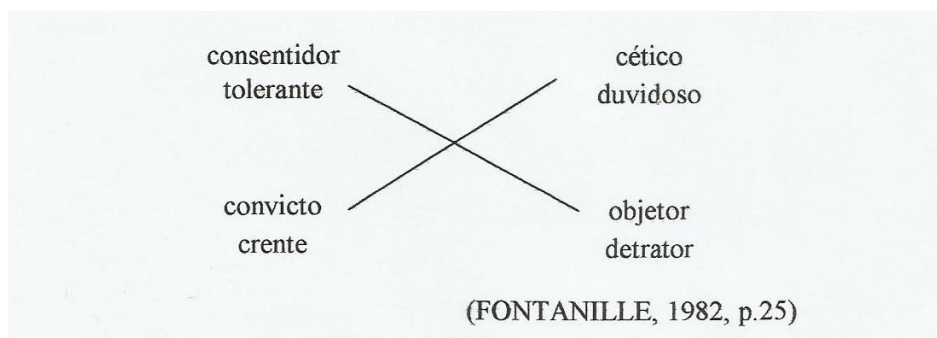
Figura D - (*Doubt*, 2008)

2. Tensão: tipologia de sujeitos e modos de presença

Não nos furtaremos de realizar, finalmente, uma pequena discussão concernente aos gradientes tensivos aderidos às modalidades crer e saber. Parece-nos produtivo, à luz das pertinentes considerações de Fontanille (1982), conceber graduações de tensão internas aos dois sistemas modais, além de mantermos as oscilações tensivas presentes na mudança de um a outro. Ou seja, tanto os percursos regressivos e progressivos como, por exemplo, da dúvida à adesão (sistema do crer), e da admissão à refutação (sistema do saber), quanto o percurso transgressivo (da dúvida à contestação), engendram oscilações tensivas importantes.

Dispondo da hipótese “o crer tensiona e o saber distensiona” (LOPES; BEIVIDAS, 2009, p.447) e da contra-hipótese de que, em uma prática religiosa, na máxima crença o sujeito encontra a máxima distensão, voltamo-nos para a homologação dos sujeitos interpretativos do saber e do crer apresentada por Fontanille:

Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa>



Uma primeira observação, de caráter intuitivo, é a de que tanto o sujeito convencido (sistema do saber) quanto o crente (sistema do crer) parecem se associar a baixas cifras tensivas (mais distensão) e à extensidade. Por outro lado, o objeto e o detratador denotam cifras tensivas altas e relacionam-se à intensidade. A dúvida, enquanto paixão e operação cognitiva fiduciária por nós analisada, certamente conta com cifra tensiva mais elevada do que a tolerância. A operação cognitiva própria do cético, contestar, segue a gradação tensiva de duvidar, mas o cético e o duvidoso parecem ser sujeitos em locais bastante diversos dentro de um gradiente tensivo. Se retomarmos o percurso pressuposto pelo sermão de padre Flynn, da adesão à dúvida, podemos identificar um aumento de tensão. O sermão de Flynn, ao transmitir um saber sobre a dúvida, visa a atenuar essa cifra tensiva e, idealmente, conduzir o sujeito de volta à adesão, onde a distensão é alta.

Desse modo, a maior ou menor tensão parece se relacionar antes com os **modos de presença** (FONTANILLE; ZILBERBERG, 1998, p. 131) do sujeito interpretativo (atualizado no poder-ser vs. virtualizado no dever-ser) e com a natureza de operação cognitiva que desempenha do que com o tipo de racionalidade ou universo axiológico em que ele se encontra (crer ou saber). Desse ponto de vista, a máxima crença, uma vez compreendida como a máxima adesão a uma ideologia religiosa, proporcionaria ao sujeito a máxima distensão, sim, mas também sua virtualização. O estudo das tipologias dos sujeitos interpretativos em ligação com seus modos de presença no mundo e sistema modal (saber/crer) deve ser, evidentemente, continuado.

IV. Algumas conclusões

A noção de **percurso transgressivo**, como encontrada em Fontanille (1982), traz nova dimensão e fôlego à discussão teórica relativa ao universo do crer e do saber. Seu emprego como ferramenta teórica relevante de análise de textos fica expresso pela confecção deste artigo. Ao adotar como ponto de partida de suas reflexões os *Diálogos* de Platão, Fontanille alinha as elaborações teóricas contidas no artigo, desde sua origem, a importantes aspectos da argumentação e da persuasão, movimento que a teoria semiótica tem ultimamente realizado ao se voltar com mais atenção às questões retóricas.

As impressões suscitadas pelos tipos de sujeitos cognitivos (sujeitos do crer e do saber homologados em um só quadrado) em relação a seu modo de presença (atualizado vs. virtualizado) registradas neste artigo apontam para uma possibilidade de análise produtiva que merece ser retomada e desenvolvida em estudos futuros.

Finalmente, podemos concluir admitindo como verdadeira a epígrafe de autoria do poeta Bartolomeu Campos de Queirós: ao se agarrar à dúvida e nela perseverar, evitando o percurso transgressivo (ou o progressivo, que o levaria direto à repulsão) o sujeito

se agarra à sua própria fé, mantém-se virtualizado (comandado por um dever-ser), e vislumbra como possível o percurso regressivo, que o realoca na adesão e lhe oferece conforto em termos de gradiente tensivo (atenuação da tensão).

REFERÊNCIAS

- DÚVIDA.** Doubt. Direção de John Patrick Shanley. Goodspeed Productions. EUA: 2008. São Paulo: Buena Vista Home Entertainment, 2009. DVD (104 min.), colorido.
- FONTANILLE, J. Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation. In: **Nouveaux actes sémiotiques**, nº 104, 105, 106. Limoges: Pulim, 2006.
- FONTANILLE, J. [2003] **Semiótica do discurso**. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J. Un point de vue sur ‘croire’ et ‘savoir’. In: **Actes sémiotiques**, IV, 31, 1982, p. 12 - 31.
- FONTANILLE, J; ZILBERBERG, C. [1998] **Tensão e Significação**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- GREIMAS, A. J. **Du sens II**. Essais sémiotiques. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J & COURTÉS, J. [1993] **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HOUAISS, A. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- LOPES, I. C.; BEIVIDAS, W. Argumentação e Persuasão: Tensão entre Crer e Saber em “Famigerado”, de Guimarães Rosa. **Revista Alfa**. 53 (2), 2009, p. 443 – 455.
- RAMOS-SILVA, S. **O discurso de divulgação religiosa materializado por meio de diferentes gêneros: dois éthé, duas construções do Céu e da Terra**. Tese (Mestrado), São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2007.
- ROSA, João Guimarães. “Famigerado”. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988, p. 13 – 17.
- ZILBERBERG, C.[1988] **Razão e poética do sentido**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Edusp, 2006.

ANEXO

1. Reprodução do *corpus*

Transcrição da cena do longa-metragem *Doubt* (4’27” a 8’30”), que contém o sermão do padre Flynn.

Padre Flynn

O que você faz quando não tem certeza? Este é o tema do meu sermão de hoje. No ano passado, quando o presidente Kennedy foi assassinado⁴, quem entre nós não teve a experiência da mais profunda desorientação? Desespero? Qual caminho seguir? E agora? O

⁴ O assassinato de John F. Kennedy (1917 - 1963), o trigésimo-quinto presidente dos Estados Unidos, ocorreu em uma sexta-feira, 22 de novembro de 1963, em Dallas, Texas, Estados Unidos. Kennedy foi mortalmente ferido por disparos enquanto circulava no automóvel presidencial na Praça Dealey. A ação do filme se passa em uma escola católica no Bronx, no outono de 1964.

que digo aos meus filhos? O que digo para mim mesmo? Houve um tempo em que as pessoas ficavam sentadas juntas, unidas por um sentimento comum de desesperança.

Mas pense nisso: seu vínculo com o seu companheiro foi o seu desespero. Foi uma experiência pública. Foi horrível, mas nós estávamos juntos nisso. O quanto pior seria, então, para o homem solitário, a mulher solitária, serem atingidos por uma calamidade privada? “Ninguém sabe que eu estou doente”; “Ninguém sabe que eu perdi meu último verdadeiro amigo”; “Ninguém sabe que eu fiz algo errado”. Imaginem o isolamento. Você vê o mundo através de uma janela. Em um dos lados do vidro: pessoas felizes e serenas. E, do outro lado, você.

(Irmã James espirra)

Garota

Deus te abençoe, irmã.

Irmã James

Obrigada.

Padre Flynn

Eu quero contar uma história para vocês.

Um navio de carga naufragou uma noite. Pegou fogo e afundou. E somente um marinheiro sobreviveu. Ele encontrou um bote salva-vidas, improvisou uma vela e, de acordo com a disciplina náutica, voltou seus olhos para o céu e leu as estrelas. Ele definiu uma rota até a sua casa e, exausto, adormeceu. Nuvens encobriram o céu. Pelas 20 noites seguintes, ele não pôde mais ver as estrelas. Ele achava estar em seu curso, mas não havia como ter certeza. E, com os dias encobertos, e o marinheiro lançado ao mar, ele começou a ter dúvidas. Como ele iria definir seu curso corretamente? Ele ainda estava indo em direção à sua casa? Ou estava horrivelmente perdido e condenado a uma morte terrível? Não havia como saber. A mensagem das constelações, ele teria a imaginado devido às circunstâncias desesperadoras? Ou teria ele visto a verdade uma vez...

Irmã Aloysius (para um garoto que dorme sobre o banco da igreja)

Endireite-se!

Padre Flynn

...e agora precisava se agarrar a ela sem mais confirmação?

Alguns de vocês na igreja hoje conhecem exatamente a crise de fé que eu descrevo. E eu quero dizer a vocês: a dúvida pode ser um vínculo tão poderoso e sustentador quanto a certeza. Quando vocês estiverem perdidos, vocês não estão sozinhos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Por favor, levantem-se.

Recebido em: 16/08/12
Aprovado em: 04/11/12